

371 — *A Mantilha de Beatriz*, Pinheiro Chagas
 372 — *Viagens e Aventuras do Capitão Hatle-*
raz — II, Júlio Verne
 373 — *Amar e Matar*, Jean Genet
 374 — *Elói ou Romance Numa Cabeça*,
 João Gaspar Simões
 375 — *Contos ou Histórias dos Tempos Idos*,
 Charles Perrault
 376 — *Filhos e Amantes* — I, D. H. Lawrence
 377 — *Últimas Páginas*, Eça de Queirós
 378 — *Ventos de Guerra* — I, Herman Wouk
 379 — *Cão Velho entre Flores*, Baptista-Bastos
 380 — *Rei Lear*, Shakespeare
 381 — *Filhos e Amantes* — II, D. H. Lawrence
 382 — *Ventos de Guerra* — II, Herman Wouk
 383 — *As Mil e Uma Noites* — I
 384 — *As Mil e Uma Noites* — II
 385 — *O Canhão*, C. S. Forester
 386 — *Técnica do Golpe de Estado*,
 Curzio Malaparte
 387 — *História da Civilização Ibérica*,
 Oliveira Martins
 388 — *As Mil e Uma Noites* — III
 389 — *Apólogos, Adivinhações e Epigramas*,
 Bocage
 390 — *Caetés*, Graciliano Ramos
 391 — *Contos*, José Régio
 392 — *As Mil e Uma Noites* — IV
 393 — *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses*
e Brasileiros — I, Camilo Castelo Branco
 394 — *Blow Up e Outras Histórias*,
 Julio Cortázar
 395 — *Fábulas*, Curvo Semedo
 396 — *As Mil e Uma Noites* — V
 397 — *Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses*
e Brasileiros — II, Camilo Castelo Branco
 398 — *Os Três Mosqueteiros* — I,
 Alexandre Dumas
 399 — *Um Perigoso Entardecer*, James Jones
 400 — *As Mil e Uma Noites* — VI
 401 — *Os Três Mosqueteiros* — II,
 Alexandre Dumas

402 — *Kaputt*, Curzio Malaparte
 403 — *Diálogos IV — Sofista — Política — Fi-*
lebo — Timeu — Críticas, Platão
 404 — *Pátria*, Guerra Junqueiro
 405 — *Rio da Morte*, Alistair MacLean
 406 — *Em Busca do Tempo Perdido* — I,
Do Lado de Swann, Marcel Proust
 407 — *Os Três Mosqueteiros* — III,
 Alexandre Dumas
 408 — *O Rouxinol e a Rosa*, Oscar Wilde
 409 — *Fábulas*, Esopo
 410 — *Rainha Africana*, C. S. Forester
 411 — *Angústia*, Graciliano Ramos
 412 — *A Doença Infantil do Comunismo*, Lenine
 413 — *Os Cavalheiros do 16 de Julho*, Ken Fol-
lett e René Louis Maurice
 414 — *Infância*, Graciliano Ramos
 415 — *O Rapto de Um Presidente*, Alistair Mac-
 Lean
 416 — *Nossa Senhora de Paris* — I, Vitor Hugo
 417 — *Naquele Alegre Mês de Maio* — I, James
 Jones
 418 — *Nossa Senhora de Paris* — II, Vitor Hugo
 419 — *Naquele Alegre Mês de Maio* — II, James
 Jones
 420 — *Obra Poética*, Mário de Sá-Carneiro
 421 — *Em Busca do Tempo Perdido* — II, *A*
Sombra das Jovens em Flor, Marcel
 Proust
 422 — *A Confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro
 423 — *Da Terra à Lua*, Júlio Verne
 424 — *Ivanhoe*, Sir Walter Scott
 425 — *A Volta da Lua*, Júlio Verne
 426 — *Céu em Fogo*, Mário de Sá-Carneiro
 427 — *As Pombas São Vermelhas*,
 Urbano Tavares Rodrigues
 428 — *Em busca do Tempo Perdido* — III, *O*
Lado de Guernantes — I, Marcel Proust
 429 — *Otelo*, Shakespeare

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

2.ª edição

Texto integral com nota introdutória
(biografia e análise da obra),
poesias dispersas e cartas

Publicações Europa-América

XV

*E enfim calei-me. Os teus cabelos muito loiros
Luziam, com doçura, honestamente;
De longe o trigo em monte, e os calçadinhos,
Lembravam-me fusões de imensos oiros
E o mar um prado verde e florescente.*

XVI

*Vibravam, na campina, as chocas da manada;
Vinham uns carros a gemer no oueiro,
E finalmente, enérgica, zangada,
Tu, inda assim bastante envergonhada,
Volveste-me, apontando o formigueiro:*

XVII

*«Não me incomode, não, com ditos detestáveis!
Não seja simplesmente um zombador!
Estas mineiras negras, incansáveis,
São mais economistas, mais notáveis,
E mais trabalhadoras que o senhor.»*

O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL

A Guerra Junqueiro

I

AVE-MARIAS

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal sornidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

*O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enoja-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés e a turba,
Toldam-se duma cor monótona e londrina.*

*Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!*

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar fluuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadaram-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nos canchais
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

II

NOITE FECHADA

Toca-se as grades, nas cadeias. Som
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
O aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
Bem raramente encerra uma mulher de «dom»!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha Sé, das cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos;
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfuma um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e largo.

Na parte que abateu no terremoto,
Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos;
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,
Desfilam-se por toda a capital, que esfria.

SSS

Triste cidade! Eu temo que me avies
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enluam-me, alvejando, as tuas elegantes,
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas,
Descem dos magasins, causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescocgos altos
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados;
Entro na brasserie; às mesas de enigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.

III

AO GÁS

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arrepiava os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e feís, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

*As burguesinhas do catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.*

*Num cuteleiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.*

*E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confecções e modas resplandecem;
Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.*

*Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistraes, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos
E a vossa palidez romântica e lunar!*

*Que grande cobra, a lúbrica pessoa
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.*

*E aquela velha de bandós! Por vezes,
A sua traîne imita um leque anigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus meclemburgueses.*

*Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós de arroz patram sufocadores;
E em nuvens de cetins requiebram-se os caixeiros.*

*Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.*

*«Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de Latim!*

IV

HORAS MORTAS

*O tecto fundo de oxigénio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.*

*Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.*

*E eu sigo, como as linhas de uma pauta
A dupla correnteza angusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infauistas e trinadas,
As notas pastoris de uma longínqua flauta.*

*Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das coisas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!*

*Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.*

*Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!*

*Mas se vivemos, os emparelhados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir estrangulados.*

*E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.*

*Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os diabios caninhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.*

*E os guardas, que revisitam as escadas,
Caninham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as inorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossam, fumando, sobre a pedra das sacadas.*

*E, enorme, nesta massa irregular
De prélios sepulcrais, com dimensões de montes;
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés de fel como um sinistro mar!*